

PIB em 1994 cresce 4,9% e chega aos US\$ 440 bilhões

■ Projeções do IPEA mostram que renda 'per capita' é de US\$ 3 mil

RAQUEL ALMEIDA

O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 1994 deverá ser de 4,9%, segundo estimativas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Indústria e agricultura alavancaram este crescimento com taxas de 6,4% e 7,4%, respectivamente. O Ipea fez suas projeções que apontavam, em dezembro, para uma taxa de crescimento do PIB de 4,6%. O PIB de 1994, em valores correntes ao dólar médio de 1992, é de US\$ 440 bilhões, segundo o Boletim Conjuntural de janeiro do Ipea, divulgado ontem.

Com este resultado, a renda *per capita* teve crescimento de 3,4% em 1994, alcançando US\$ 3 mil. Segundo o coordenador adjunto do Grupo de Acompanhamento Conjuntural (GAC), Paulo Mansur Levy, a estimativa para o primeiro trimestre de 1995 é de uma redução no crescimento do PIB, que deverá alcançar a faixa de 3,8% em março, pelo levantamento do instituto.

Desaceleração — “Essa redução até poderá ser menor, por conta de algumas distorções de nosso modelo de apuração, mas com certeza haverá uma desaceleração no crescimento da produção industrial no primeiro trimestre de 95”, observou Levy. Os indicadores do Ipea apontam uma queda de 7,5% para 4,5% na variação acumulada da produção industrial.

O boletim verifica ainda um forte crescimento dos investimentos em relação ao PIB no ano

PRODUTO INTERNO

Setor	Varição em 94	Projeção para 95*
Agropecuária	7,4%	6,3%
Indústria	6,4%	4,0%
Serviços	2,9%	2,9%
PIB Total	4,9%	3,8%

* Estimado para primeiro trimestre apenas.

Fonte: /pea

passado. Em 1994, obteve-se uma taxa de formação bruta de capital de 16,3% do PIB. No quarto trimestre, a taxa chegou a 17,2%. Em 1992, este percentual era de 13,7% — o mais baixo do período de industrialização do pós-guerra. Quanto ao salário mínimo, o valor médio ficou 4,2% menor em 1994, em relação a 93.

Perspectivas — De acordo com os técnicos do GAC, os indicadores apontam para continuidade da estabilização, com inflação estável, no primeiro semestre de 1995. A atividade econômica também deverá continuar aquecida, o que, segundo Levy, poderá ser o maior problema a ser enfrentado. “Mais do que a política cambial, o aquecimento da economia pode atrapalhar o bom andamento do Plano”, comentou. Os técnicos do GAC não acreditam que o governo mexa na política cambial neste momento. “O importante agora é tomar medidas para desaquecer a economia.

O importante não é reduzir o crescimento da demanda no setor privado, mas aplicar uma política fiscal apertada. Para mexer na âncora cambial do Plano, só substituindo esta por uma âncora fiscal”, explicou Levy.